

As contribuições do Círculo de Bakhtin para a compreensão do gênero discursivo

Divulgação Científica

Urbano Cavalcante Filho¹
Vânia Lúcia Menezes Torga²

Resumo: O estudo e a pesquisa em torno dos gêneros discursivos tornam-se cruciais para entendermos o que e como acontece quando fazemos uso da linguagem na relação dialógica com o outro e com o mundo, já que são eles os responsáveis por organizar a experiência humana e os meios pelos quais vemos e interpretamos o mundo e nele agimos, atribuindo-lhe sentido. Envolvido na urgente necessidade de entender o poder da linguagem e o conhecimento sobre ela para melhor exercermos nossa ação sobre o mundo e sobre o outro, por meio de processos estáveis de enunciados, o presente trabalho, orientado pela Teoria Dialógica do Círculo de Bakhtin, tem o propósito de propor uma reflexão em torno de conceitos considerados fundadores da noção de gênero discursivo, quais sejam: língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito, para, a partir disso, empreender esforços na compreensão do gênero discursivo divulgação científica, alicerçados numa perspectiva dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem).

Palavras-chave: Teoria dialógica da linguagem. Postulados bakhtinianos. Linguagem. Discurso.

1 Doutorando em Letras: Filologia e Língua Portuguesa (USP). Professor do Instituto Federal da Bahia (IFBA) – Campus Ilhéus. *E-mail:* <urbanocavalcante@usp.br>.

2 Doutora em Letras (UFMG). Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). *E-mail:* <vltorga@uol.com.br>.

The contributions of the Bakhtin's Circle to the understanding the Scientific Vulgarization genre

Abstract: The study and the research about the discourse genres become fundamental ones in order to understand what and how takes place when we make use of language in a dialogic relation with the other and with the world, as they are responsible for organizing the human experience and the ways in which we see and comprehend the world as well as we act in it, giving it a sense. Involved in an urgent need of understanding the language power and the knowledge about it to better act in the world and in the other, throughout enunciative processes, the present work, advised by the Dialogic Theory of the Bakhtin Circle, aims to propose a reflection around the concepts regarded as founded of the discourse genre notion, such as: language, discourse, text, dialogism, subject, to, from them on, join efforts in understanding the scientific vulgarization genre, based on a dialogic, social and historical, and ideological perspective of language.

Keywords: Dialogic theory of language. Bakhtin's presuppositions. Language. Discourse.

Para início de conversa...

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza.

Mikhail Bakhtin

A noção de gênero discursivo, retomado das antigas retórica e poética, bem como as análises de gêneros di-versos têm sido objeto de reflexão e estudo de inúmeras escolas e vertentes teóricas:

O estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema. Seria gritante ingenuidade histórica imaginar que foi os últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros [...] Não é possível realizar aqui um levantamento sequer das perspectivas teóricas atuais (MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Este texto também tem o propósito de inserir-se no grupo de estudiosos que objetiva se debruçar sobre o estudo dos gêneros. Dentre a infinidade de gêneros que estão em circulação na sociedade e que produzimos cotidianamente, na medida em que diversas são nossas atividades de linguagem, propomo-nos a pensar sobre o gênero Divulgação Científica (desde já abreviada DC), a partir dos postulados do Círculo de Bakhtin, com base nas noções que julgamos fundamentais para o entendimento do gênero discursivo em tela.

O Círculo de Bakhtin e conceitos fundadores da teoria dialógica dos gêneros do discurso

Círculo de Bakhtin é a denominação dada pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais fizeram parte Mikhail Bakhtin, o linguista Valentin Voloshinov e o teórico literário Pavel Medvedev, com o propósito de definir noções, conceitos e categorias de análise da linguagem, tomando por base os discursos artísticos, cotidianos, filosóficos, institucionais e científicos.

Uma das grandes contribuições do círculo foi encarar a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo e não apenas como um sistema autônomo. Na crença do teórico russo, não é possível a desvinculação da personalidade do indivíduo da língua (discurso), uma vez que

a atividade mental, suas motivações subjetivas, suas intenções, seus desígnios conscientemente estilísticos, não existem fora de sua materialização objetiva na língua (BAKHTIN, 1992, p. 188).

Com isso, é possível afirmar, de imediato, que a língua não é vista como sistema abstrato de signos e, tampouco, como a expressão do pensamento individual.

Orientados pela Teoria Dialógica do Círculo de Bakhtin, vamos, a seguir, propor uma reflexão em torno de conceitos que consideramos da noção de gênero discursivo, sem os quais, dificilmente teríamos a compreensão adequada da constituição do gênero DC, na

perspectiva dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). Ei-los: enunciado, língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito.

Enunciado

A ideia de que o uso da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, “proferidos” pelos participantes de uma ou outra esfera da atividade humana; que o enunciado é irrepetível, tendo em vista que é um evento único (pode somente ser citado); que o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva, já que o discurso só tem possibilidade de existir na forma de enunciados e que o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permite compreender de uma maneira mais correta a natureza das unidades da língua (a palavra e a oração, por exemplo), faz parte das afirmações feitas por Bakhtin no texto *Os gêneros do discurso* (2003b). Em outro manuscrito, *O problema do texto na lingüística*, na filosofia e em outras ciências humanas, há a afirmação de que “a língua, a palavra são quase tudo na vida humana” (BAKHTIN, 2003a, p. 324).

O enunciado é visto por Bakhtin como a unidade da comunicação discursiva. Cada enunciado constitui um novo acontecimento, um evento único e irrepetível da comunicação discursiva. Ele só pode ser citado e não repetido, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento. O enunciado nasce na inter-relação discursiva, por isso que não pode ser nem o primeiro nem o último, pois já é resposta a outros enunciados, ou seja, surge como sua réplica:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN, 1993a, p. 86).

Nesse momento da discussão, julgamos pertinente estabelecer a distinção entre frase e enunciado: a frase é uma unidade da língua e o enunciado é a manifestação concreta da frase (frase + sua enunciação em um contexto = enunciado). A frase é reiterável, pois é vista como unidade da língua formada a partir dos princípios da gramática (estrutura lexical e sintática) e está suscetível a um número ilimitado de realizações, enquanto que o enunciado é o fragmento do discurso, é sempre único, pois diferente a cada enunciação da frase. Na perspectiva de Ducrot (1987), no âmbito da semântica argumentativa, a *frase* é concebida como uma entidade linguística abstrata, do domínio da gramática, idêntica a si mesma em suas diversas ocorrências; já o *enunciado* é visto como a ocorrência particular, a realização *hic et nunc* de uma frase, o objeto produzido pelo locutor ao ter escolhido empregar uma frase.

Diante disso, observamos que a concepção bakhtiniana de enunciado não pode ser a frase enunciada, que se constituiria em partes textuais enunciadas, mas trata-se de uma unidade mais complexa que transcende os limites do próprio texto, quando este é tratado apenas sob o prisma da língua e de sua organização textual. Na teoria de Bakhtin, os romances, as crônicas, as saudações, as cartas, as conversas de salão etc. são considera-

dos exemplos de enunciado. Porém, tomando como um *a priori* a ideia de que todo enunciado constitui-se a partir de outros enunciados (tanto os já-ditos como os previstos), muitos deles atravessam as fronteiras do enunciado, concretizando-se nos diversos modos de citação do discurso do outro (os enunciados no enunciado).

O autor de uma obra literária (romance) cria uma obra (enunciado) de discurso único e integral. Mas ele a cria a partir de enunciados heterogêneos, como que alheios (BAKHTIN, 2003b, p. 321).

Fica perceptível, diante dessas considerações, que o enunciado deve ser considerado interligado à situação social (imediata e ampla) em que é produzido e está inserido. Isto é, o enunciado não pode ser compreendido dissociado das relações sociais que o suscitaram, pois o “discurso”, como fenômeno de comunicação social, é determinado por tais relações:

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante (BAKHTIN, 1993b, p. 46).

Isso significa dizer que essa noção de enunciado como um todo de sentido não se limita apenas a sua dimensão linguística, mas concebe a situação social (ou

dimensão extraverbal) como elemento constitutivo.
Portanto o enunciado bakhtiniano

não é a frase ou a oração enunciada, mas, se
qui-sermos manter uma analogia, o texto
enunciado (texto + situação social de interação
= enuncia-do) (RODRIGUES, 2005, p. 162).

Língua

O conceito de língua, que está no escopo da filosofia da linguagem, da gramática e da linguística, ou de modo amplo, nos estudos da linguagem, apresenta recortes (linguagem, língua, fala, discurso etc.) e respostas (conceitos) diversos nessas áreas. Na abordagem deste texto, portanto, encará-la-emos na perspectiva bakhtiniana.

Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1992), na tentativa de conceber a noção de língua e compreender sua realidade fundamental, bem como seu modo de existência, afirma que a língua deve ser entendida

como um fenômeno social da *interação verbal*, realizada pela *enunciação* (enunciado) ou *enunciações* (enunciados), e não constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas [língua como sistema de formas – objetivismo abstrato] nem pela enunciação monológica isolada [língua como expressão de uma consciência individual – subjetivismo individualista], nem pelo ato psicofisiológico de sua produção [atividade mental] (BAKHTIN, 1992, p. 123, grifos do autor).

Para o pensador russo, a língua é uma atividade essencialmente social dada as condições inquestionáveis de comunicação entre os falantes.

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes (BAKHTIN, 1992, p. 124).

Nega, portanto, o objetivismo abstrato, que não aceitava a capacidade de as línguas evoluírem através do tempo, tampouco que possam ser compreendidas no seu processo real de uso. Nega, também, o subjetivismo individualista, que assume ser o indivíduo o centro de estudo da linguagem, como se não sofresse influências significativas do contexto que vivencia, direcionando sua fala para um outro.

Diante dessa constatação, é possível concluir que, na concepção do autor, a interação verbal social constitui a realidade fundamental da língua e seu modo de existência encontra-se atrelado à comunicação discursiva concreta (concernente à vida cotidiana, da arte, da ciência etc.), vinculada, por conseguinte, a uma situação social imediata e ampla.

Discurso

Com base em Rodrigues (2005), é possível observar que parece haver, de certa forma, uma indefinição teórica ou uma flutuação terminológica em torno da conceitualização dos termos língua e discurso. A pergunta é: são termos intercambiáveis ou conceitualmente distintos? A

pergunta se justifica porque há situações no Círculo em que os termos língua e discurso são intercambiáveis e outras vezes são tidos como conceitos teóricos distintos. Há, em outros textos, a opção pelo termo discurso, cuja conceituação diferencia-se da noção de língua como sistema de formas. É no livro *Problemas da poética de Dostoiévski* que se pode encontrar explicitada a distinção entre língua e discurso:

Intitulamos este capítulo 'O discurso em Dostoiévski' porque temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso (BAKHTIN, 1997a, p. 181, grifos do autor).

Ou seja, entender a língua como discurso significa não ser possível desvinculá-la de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos que a norteiam. Por isso que, no conceito de língua, vista como objeto da linguística, não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas (dialogismo), pois elas são impossíveis entre os elementos no sistema da língua (entre os morfemas, as palavras, as orações etc.), entre os elementos da língua no texto e mesmo entre os elementos do "texto" e os textos no seu enfoque "rigorosamente linguístico".

Texto

Bakhtin diz em *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (2003a), que o texto (verbal – oral ou escrito – ou também em outra forma semiótica), é a unidade, o dado (realidade) primário e o ponto de partida para todas as disciplinas do campo das ciências humanas, apesar de suas finalidades científicas diversas. O texto constitui a realidade imediata para que se possa estudar o homem social e a sua linguagem, já que sua constituição bem como sua linguagem é mediada pelo texto; é através do texto que o homem exprime suas ideias e sentimentos. Assim, podemos dizer que essa concepção de texto vai ao encontro da concepção de enunciado, por recobrir “um só fenômeno concreto”.

Ainda sobre sua concepção da noção de texto, Bakhtin, no mesmo manuscrito, apresenta duas características que “determinam” o texto como enunciado; são elas: i) o seu projeto discursivo (entendendo-o como o autor e o seu querer dizer), e ii) a realização desse projeto (trata-se da produção do enunciado atrelado às condições de interação e a relação com os outros enunciados (já-ditos e previstos). O texto visto como enunciado tem uma função dialógica particular, autor e destinatário mantêm relações dialógicas com outros textos (textos-enunciados) etc., isto é, têm as mesmas características do enunciado, pois é concebido como tal.

O que faz do texto um enunciado, na concepção do Círculo, é ele ser analisado na sua integridade concreta e viva (ou seja, consideram-se os seus aspectos sociais como constitutivos), e não como objeto da linguística do

texto de vezou mais imanente. Com isso não queremos dizer que Bakhtin não reconheça a legitimidade do estudo do texto visto como fenômeno puramente linguístico ou textual, mas sua orientação caminha para outra direção, a de encarar o texto como fenômeno sociodiscursivo:

Estamos interessados primordialmente nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos na sua inter-relação e interação (BAKHTIN, 2003a, p. 319).

Dialogismo

A noção de dialogismo³ – escrita em que se lê o outro, o discurso do outro – pode ser encarada como filosofia de vida, fundamentação da política, concepção de mundo, entre outras perspectivas. No entanto, nesse texto, interessa-nos pensar tal conceito e restringi-lo aos domínios da linguagem. Para tal empreitada, tomamos como aporte, novamente, o pensamento do círculo bakhtiniano.

Na perspectiva bakhtiniana, o princípio dialógico é a característica essencial da linguagem, sendo um princípio constitutivo e intrínseco a ela. Nas palavras de Barros (2003, p. 2), “é a condição do sentido do discurso”. Partindo da concepção bakhtiniana, Barros afirma que o processo dialógico da linguagem pode ser entendido

³ Esse conceito de dialogismo tem possibilitado o desenvolvimento de estudos atuais de formas diversas, no seio de diferentes concepções teóricas. Vejam-se a análise do discurso jansenista de D. Maingueneau; os estudos da polifonia de O. Ducrot; a perspectiva semiótica de exame da enunciação; a semiótica da cultura da Escola de Tartu, em BARROS, 2003, p. 4.

sob dois aspectos: o da interação verbal entre o enuncia-dor e o enunciatário, no espaço do texto; e o da intertextualidade no interior do discurso.

Na primeira dimensão, a linguagem é o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos e propicia a experiência da intersecção ou interação entre interlocutores. Assim, o homem encontra-se numa relação dialógica entre o eu e o tu, ou entre o eu e o outro, no texto. A existência está subordinada à abertura para o outro; dessa forma, estabelece-se uma relação de alteridade, noção, aliás, fundamental à compreensão de dialogismo. Nessa perspectiva, é condição *sine qua non* considerar o papel do “outro” na constituição do sentido, tendo em vista que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.

Já na segunda dimensão, percebe-se que o indivíduo não é a origem do seu dizer. Dito de outra forma, o sentido não é originado no instante da enunciação, ele faz parte de um processo contínuo, em que tudo vem do exterior por meio da palavra do outro, sendo o enunciado um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. O texto é tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras.

Dentro da concepção dialógica, Bakhtin (1997a) ressalta que, assim como nos diálogos, os textos pressupõem uma atitude responsiva ativa do leitor, podendo ser fônica ou em forma de um ato, no caso de uma ordem dada, por exemplo. Isto implica que todo enunciado tem um caráter de resposta a algo dito, seja naquele momento ou anteriormente.

Sujeito

Sabendo-se que, em seus escritos, Bakhtin deixa clara sua concepção dialógica de língua, consequentemente, também o será a de sujeito: ambos (língua e sujeito) são povoados por discursos alheios e por relações dialógicas (confronto, aceitação, recusa, negação...) entre esses discursos. Nessas relações, são reproduzidas as dinâmicas sociais e as lutas ideológicas presentes em uma dada comunidade de classes.

Dessa forma, nessa esteira de entendimento da concepção dialógica da linguagem, podemos afirmar que o sujeito se constitui na sua relação com os outros: tudo o que pertence à consciência chega a ela através dos outros, das palavras dos outros. Na voz de Bakhtin (1997a, p. 317):

nosso próprio pensamento [...] nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento.

O sujeito concebido por Bakhtin não é autônomo nem criador de sua própria linguagem; ao contrário, ele se constitui na relação com outros indivíduos, que é atravessada por diferentes usos da linguagem, de acordo com a esfera social na qual o sujeito se inscreve. Isso significa dizer que esse sujeito deve ser visto em relação às categorias de dispersão, do concreto, do singular, da alteridade, do diálogo, do convívio, do discursivo, do heterogêneo, do sentido e do devir, ao invés da centralização, do abstrato, do repetido, do monólogo, da solidão, do sistema abstrato de signos, do homogêneo, da significação e da cristalização.

Ouvindo as palavras de Sobral:

A proposta do Círculo de não considerar os sujeitos apenas como biológicos, nem apenas como seres empíricos, implica ter sempre em vista a situação social e histórica concreta do sujeito, tanto em termos de atos não discursivos como em sua transfiguração discursiva, sua construção em texto/discurso (2005, p. 23).

Para concluir, os sujeitos se apropriam da linguagem ao se tornarem imersos nas variadas formas de comunicação verbal, que se associam a diferentes esferas da comunicação humana e que definem os infinitos gêneros discursivos existentes. Pensando assim, e partindo da ideia de que cada esfera de utilização da língua elaborava seus “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que, segundo Bakhtin, são chamados de gêneros discursivos, como podemos, afinal, compreender os gêneros discursivos, nessa perspectiva? Isso é o que trataremos na seção a seguir.

Os gêneros discursivos sob o olhar do Círculo de Bakhtin

A discussão em torno da noção de gênero é encontrada em muitos trabalhos do Círculo de Bakhtin, seja quando o tratamento se volta para a defesa do romance como gênero literário, no trabalho com os gêneros intercalados como uma das formas composicionais de introdução e de organização do plurilinguismo no romance, na abordagem do romance polifônico em Dostoiévski, no papel e o lugar dos gêneros nos estudos marxistas da linguagem, nos gêneros

como uma das forças sociais de estratificação da língua (uma das forças centrífugas) ou no alargamento da noção dos gêneros para todas as práticas de linguagem.

Em seus escritos, Mikhail Bakhtin (1997b) focaliza sua reflexão no caráter social dos fatos de linguagem. Nessa perspectiva, como já abordado, observamos que pretere a oração como unidade de análise de comunicação verbal, visto que o ato comunicacional, enquanto atividade social, é marcado pelo diálogo, pela possibilidade de interação. Dessa forma, o enunciado é encarado como produto da interação verbal, determinado tanto por uma situação material concreta como pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma dada comunidade linguística. Com isso, é perceptível, em suas abordagens, a presença de um componente social, já que o enunciado de um falante é precedido e sucedido pelo de outro. Essa é uma posição defendida por Bakhtin (1997a), ao tratar a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais e estruturais. Com essa noção, ratifica a concepção de encarar a linguagem como um fenômeno social, histórico e ideológico, definindo um enunciado como uma verdadeira unidade de comunicação verbal.

Em seu ensaio de 1979, publicado originalmente em russo, o teórico aponta os gêneros discursivos como “ti-pos relativamente estáveis de enunciados”⁴ e que

4 Não devemos entender com essa noção do gênero como um tipo de enunciado que Bakhtin esteja se referindo à noção de tipo como de sequências textuais, mas devemos entendê-lo como uma tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituem historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes.

a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana (BAKHTIN, 1997b, p. 279).

Entendemos, com isso, que a riqueza e diversidade das produções de linguagem, neste universo, são infinitas, mas organizadas. Nas palavras de Bakhtin (1997b, p. 279-281):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Dessa forma, Bakhtin estende os limites da competência linguística dos sujeitos para além da frase na direção dos “tipos relativamente estáveis de enunciados” e do que ele chama “a sintaxe das grandes massas verbais”, isto é, os *gêneros discursivos*, os quais temos contato e nos quais vivemos imersos desde o início de nossas atividades de linguagem.

Então, amparados na concepção bakhtiniana, os gêneros discursivos não devem ser concebidos apenas como forma, e que, portanto, possam ser distinguidos pelas suas propriedades formais (embora os gêneros mais estabilizados possam ser “reconhecidos” pela sua dimensão linguístico-textual), pois não é a forma em si que “cria” e define o gênero:

Os formalistas geralmente definem gênero como um certo conjunto específico e constante de dispositivos com uma dominante definida. Como os dispositivos básicos já tinham sido previamente definidos, o gênero foi mecanicamente compreendido como sendo composto desses dispositivos. Dessa forma, os formalistas não apreenderam o significado real do gênero (MEDVEDEV, 1928 apud FARACO, 2003, p. 115).

O que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação e não as suas propriedades formais. Tomamos como exemplo os gêneros biografia científica e romance biográfico, apresentado por Rodrigues (2005). Ainda que nesses dois gêneros seja possível encontrar traços formais semelhantes, eles são gêneros distintos, pois mesmo que os “valores biográficos” possam fazer parte na ciência e na arte, eles se encontram em esferas sociais diferentes, com funções sócio-ideo-lógicas distintas (temos do lado da biografia científica uma finalidade histórico-científica e do lado do romance biográfico uma finalidade artística).

Na atividade social, em cada esfera em que os indivíduos estão inseridos, eles utilizam a língua de acordo com os gêneros de discurso específicos. Considerando o fato de que os atos sociais vivenciados pelos grupos são diversos, conseqüentemente a produção de linguagem também o será. Com isso, podemos dizer que temos uma língua de trabalho, uma língua das gírias, uma língua da ciência, uma língua das narrações literárias, jurídicas, cada uma delas correspondendo às necessidades das diversas situações de interação social. Quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, ele anteci-

pa ou tem uma visão do texto como um todo “acabado” justamente pelo conhecimento prévio do paradigma dos gêneros a que ele teve acesso nas suas práticas de linguagem. É importante ressaltar, pois, que não se tra-ta de um falante ideal, mas todo aquele inserido numa situação real de comunicação.

Conforme dito a respeito da riqueza e variedade dos gêneros produzidos pelos indivíduos nas situações sociais, esses gêneros, nas palavras de Bakhtin (1997b, p. 279), caracterizam-se, (ou) são norteados pelas

Condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua estrutura composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isolado, é claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, sendo isso que denominamos de gênero do discurso (grifo do autor).

Por isso que não dizemos o que queremos, onde e quando queremos, mas os discursos são organizados socialmente, inserem-se numa ordem enunciativa e são regulados, moldados pelos gêneros que os constituem. Em outras palavras, cada esfera da comunicação social apresenta “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Considerando as anotações feitas por Bakhtin (1997b) quanto à constituição, à natureza e a própria funcionalidade dos gêneros discursivos, estes são, num primeiro plano de observação, considerados como modos relativamente acabados de comunicação que permitem aos atores sociais a interlocução em sua integralidade.

A constituição dos gêneros encontra-se vinculada à atividade humana, ao surgimento e (relativa) estabilização de novas situações sociais de interação verbal. Para sintetizar, cada gênero está vinculado a uma situação social de interação, dentro de uma esfera social, com sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e de destinatário.

Ainda pensando no aspecto “relativamente acabado” dos gêneros, poder-se-ia resumir a discussão em torno de tal temática da seguinte maneira: os gêneros, segundo essa visão bakhtiniana, são resultados da fusão de três dimensões constitutivas, como bem sinaliza Bakhtin (1997b): i) o conteúdo temático ou aspecto temático – objetos, sentidos, conteúdos, gerados numa esfera discursiva com suas realidades socioculturais –, o qual tem a função de definir o assunto a ser intercomunicado; ii) o estilo verbal ou aspecto expressivo – seleção lexical, frasal, gramatical, formas de dizer que têm sua compreensão determinada pelo gênero –; e iii) a construção composicional ou aspecto formal do texto⁵ – procedimentos, relações, organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva, participações que se

⁵ Embora em algumas pesquisas sobre gêneros a composição seja associada apenas à organização textual, observada a partir de sequências textuais de Adam (ADAM, J. M. *Les textes: types et proto-types*. Paris: Nathan, 1992), essa articulação não pode ser percebida nos estudos do Círculo.

referem à estruturação e acabamento, que sinaliza, na cena enunciativa, as regras do jogo de sentido disponibilizadas pelos interlocutores.

Todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e sua finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação.

Assim, percebemos que os gêneros sempre estão ligados a um tema e a um estilo, apresentando uma composição própria, com os quais operamos de modo inevitável:

Esses gêneros do discurso nos são dados qua-se como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática [...] Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados [...] Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais. [...] Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (BAKHTIN, 1997b, p. 301-302).

Num segundo plano, cabe ressaltar que sua constituição e definição não se esgotam nem se limitam apenas a esses três elementos. Numa cena enunciativa concreta, observamos que sua constituição atrela-se, sobretudo, a condições exteriores à língua e ao sujeito-falante. Depende, nesse sentido, de uma necessidade real e específica e da atividade humana exercida pelo sujeito. Dentro dessa necessidade, da atividade humana e da

utilização do sistema de código linguístico é que a organização dos três elementos devem ser estudados.

Assim, os gêneros, como a língua, refletem e, simultaneamente, refratam, na metáfora do espelhamento de Campos (2006), as vontades, os desejos, as necessidades sociais, os querer humanos dentro de uma atividade social singular e de uma situação comunicativa específica. Assim, apresenta o autor:

[...] podemos dizer que o espelho, como materialidade, não é processo que se reduz à operação de produzir, em reflexo, as imagens que vão sendo mostradas na superfície de sua lâmina como se ali pudesse acontecer apenas a dimensão visível das imagens. Nesse sentido, o espelhamento processaria as imagens passíveis de reprodução e, como tal, constituiriam os objetos marcados pela movimentação coagulada da aparência de vida. À primeira vista, tal processo de constituição da visão das imagens não consideraria a possibilidade da diferença dos olhares na sua produção, reduzindo as imagens à ilusão superficial da reprodução em série. Diante dos limites da reprodução, o espelho não só reflete, mas, ainda, e, simultaneamente, refrata (CAMPOS, 2006, p. 303).

E ainda:

Com esse quadro, o espelhamento, que vai além do refletir, realizando a operação de refratar, o faz no interior da excedência, ou visão de mundo do autor enquanto construção social que não só aponta para o acabamento, mas, ainda, para

o inacabamento do que cerca o humano. E isso nos possibilita dizer que o espelhamento enquanto processo da linguagem seria a metáfora da criação, que não se efetiva sem a diferença dos raios de luz da refração na lâmina que reproduz e transforma as imagens, mas, ainda, na lâmina enquanto nada: processo instaurador da singularidade (CAMPOS, 2006, p. 306-307).

Em consideração a esse processo de espelhamento, considerando o aspecto da singularidade, posso dizer que o enunciado, como produto da enunciação, é um ato individual em que está pressuposta a instância do sujeito. Ou seja, alguém enuncia. Alguém produz um discurso. Alguém produz um ato de fala. No entanto, essa instância produtora de discurso não se encontra só no processo de enunciação. O enunciado constitui uma ação verbal entre dois sujeitos. Ao enunciar pressupõe o outro, quando se diz, diz-se a alguém. O discurso é, portanto, uma relação verbal entre locutor/enunciador e alocutário/enunciatário. E ainda, todo discurso é composto de uma pluralidade de enunciados, marcado por diferentes formações e posições.

Com isso, ratificamos a ideia de que eles são responsáveis pela constituição de sentido. Sendo assim, os gêneros não conseguiriam significar simplesmente a partir dos três elementos básicos defendidos por Bakhtin.

Nesse caso, os gêneros nada mais são do que um espaço de mediação de sentidos, um modo de organização da experiência humana em uma situação dada. Diante disso, como pensar ou pensar isoladamente a relação construída entre o eu-locutor e o seu tu-interlocutor e os outros elementos da enunciação, se o eu-locutor é uma constituição semântica, uma certa visão de mun-

do doada ao outro numa experiência dialógica? Seguindo esse raciocínio, os atores sociais significam a si, ao outro e ao mundo, numa lógica do espelho defendida por Campos (2006), através do excedente de visão. O locutor quando se coloca em posição de enunciação reflete e refrata, cria uma imagem de si, de uma visão de mundo e, conseqüentemente, tenta, num jogo do espelho, “vender” sua imagem para o interlocutor. O que retoma o caráter de tensão estabelecido pela linguagem no espaço de comunicação.

A intenção comunicativa se corporifica mediante a prefiguração do locutor e o jogo de sentido traçado pelos sujeitos. A afiliação a um discurso, ou a uma formação discursiva, também indicia e traduz uma intenção. Esta reproduz, em série, a vontade do locutor e, ao mesmo tempo, permite a possibilidade de negação dessa vontade, pois o interlocutor pode, numa atividade responsiva, não aceitar a intenção desse locutor.

A divulgação científica na perspectiva dialógica da linguagem

Consideramos a divulgação científica como uma prática discursiva que, na sociedade contemporânea brasileira, vem se expandindo. Diante disso, julgamos pertinente voltar nosso olhar para pensar sobre questões da propagação dos saberes científicos, sua constituição, facetas, manifestações e desdobramentos, justamente porque

insere a ciência no conjunto das manifestações culturais de uma sociedade, o que implica a sua incorporação em práticas situadas sócio-historicamente,

o seu diálogo com outros produtos culturais, bem como a sua assimilação dialógica crítica entre os valores culturais dos cidadãos. Nesse processo de exteriorização, os conhecimentos científicos e tecnológicos entram em diálogo com os de outras esferas, sobretudo com a ideologia do cotidiano, mas também com as esferas artística, política, jornalística, etc. (GRILLO, 2008, p. 69).

Quando refletimos sobre a DC, surge a necessidade de refletirmos também sobre uma questão que envolve o papel da ciência da forma como ela se apresenta hoje, num debate que não leve em conta tão somente a produção do conhecimento científico, mas também a sua transmissão e a sua reprodução.

Fica difícil dissociar, com base em alguns autores, a produção do conhecimento científico de sua circulação e transmissão. Dessa forma, Orlandi (2001) afirma que os sentidos investidos neste modo de produção da ciência envolvem, tanto a indissociabilidade entre ciência, tecnologia e administração, quanto o deslocamento, através do discurso da DC, do conhecimento científico para a informação científica, processo este que faz circular o saber/ciência de maneira singular.

É consenso entre os estudiosos, uma tarefa não muito simples definir o texto de DC, pois, de acordo com Sanches Moura (2003, p. 13), “cada divulgador tem sua própria definição de divulgação”. No entanto, é sugerido o seguinte conceito operativo: “a divulgação é uma recriação do conhecimento científico, para torná-lo acessível ao público” (SANCHES, 2003, p. 13).

Nesta perspectiva, destacamos como principal eixo teórico o trabalho de Authier-Revuz (1998) sobre DC.

Na concepção dessa autora, o texto de DC é uma associação do discurso científico com o discurso cotidiano, sendo que este último favorece a leitura por parte de um número maior de leitores. A autora (1998, p. 107) concei-tua DC como

uma atividade de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita; essa disseminação é feita fora da instituição escolar-universitária, não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem.

Horta Nunes (2003, p. 43), ao abordar o texto de DC, afirma haver “uma justaposição entre os discursos científico e cotidiano”, como se houvesse uma concorrência entre os conhecimentos, demonstrando, desse modo, estabelecer posições que sinalizam a hierarquização das formas de saber.

Orlandi (2001) afirma que a DC é uma relação estabelecida entre duas formas de discurso – o científico e o jornalístico – em uma mesma língua.

Diante dessas definições, podemos concluir que o texto de DC constitui a intersecção entre dois gêneros discursivos: o discurso da ciência e o discurso do jornalismo, este último visto como o discurso de transmissão de informação. Para Campos (2006, p. 1), esse gênero

é considerado como realização enunciativa marcada pela ação de quem é colocado na posição de *umao* fa-lar *pele outro*(o especialista) *parao outro*(não-especialista) (grifos do autor).

Noutras palavras, o *eu* refere-se ao divulgador que utiliza uma linguagem discursiva para se aproximar do *outro* – o público (não especialista⁶), a partir das informações de um *outro*– o especialista (o cientista/ciência).

Partindo do pressuposto de que os gêneros, com seus propósitos discursivos, não são indiferentes às características de sua esfera, pelo contrário, neles que elas “se mostram”, todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação. No caso da DC, a caracterização do seu discurso, do ponto de vista temático, reside no assunto “ciência e tecnologia”, constituindo-se um tema único, concreto, histórico e que se adapta às condições do momento, conforme Bakhtin propõe para constituir um gênero.

Convém lembrar que o conteúdo temático

não é o assunto específico de um texto, mas é o domínio de sentido que se ocupa o gênero. [...] As sentenças têm como conteúdo temático a decisão judicial (FIORIN, 2006, p. 62).

Essa é a ligação temática dentro de cada atividade humana, em que a linguagem é um elo da cadeia que permite a identificação desta esfera e de seus participantes, pelos discursos proferidos.

Outra dimensão constitutiva do gênero que está estritamente vinculada à unidade temática, é a construção composicional. Ela refere-se à forma de organizar o texto,

⁶ Martins (2005) prefere denominar os sujeitos leitores de divulgação científica como “não cientistas”.

de montar a estrutura com os itens que comporão a obra. Como exemplifica Fiorin (2006, p. 62):

[...] sendo a carta uma comunicação diferida, é preciso ancorá-la num tempo, num espaço e numa relação de interlocução, para que os dêiticos usados possam ser compreendidos. É por isso que as cartas trazem a indicação do local e da data em que foram escritas e o nome de quem escreve e da pessoa para quem se escreve.

Ainda tratando desse aspecto – o da composicionalidade –, Bakhtin (1997a) afirma que uma das causas de a questão dos gêneros do discurso não ter sido profundamente abordada se deve, muito provavelmente, ao fato de a composição dos gêneros ser diversa e heterogênea, resultante da heterogeneidade e diversidade da atividade humana, não permitindo, portanto, um plano comum para seu estudo.

Quanto ao terceiro elemento constitutivo do gênero discursivo e que está vinculado estritamente à unidade temática e composicionalidade, o estilo, este é entendido como

seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado (FIORIN, 2006, p. 62).

Dirigido a um público não especializado nos assuntos de ciência, o discurso da divulgação deve

dispensar a linguagem esotérica exigida pelo dis-

curso científico preparado por e para especialistas e abrir-se para o emprego de analogias, generalizações, aproximações, comparações, simplificações - recursos que contribuem para corporificar um estilo que vai se constituir como marca da atividade de vulgarização discursiva (ZAMBONI, 1997, p. 122).

Vejamos o que diz Bakhtin (1997a, p. 266) sobre essa questão:

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc.

Para (in)acabar a conversa...

Os gêneros são responsáveis por organizar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido; são os meios pelos quais vemos e interpretamos o mundo e nele agimos. Com isso, consideramos, que as reflexões propostas pelo Círculo se constituem em referenciais teóricos orientadores dos estudos da palavra alheia e de seus processos de transmissão e assimilação pelo discurso do “eu”, trazendo contribuições relevantes aos estudos das práticas discursivas e, portanto, do homem na sua relação com o outro e com o mundo.

Conforme percebido, pensar a divulgação científica exige que busquemos a noção de gênero e de categorias

analíticas pensadas pelo círculo e que se caracterizam não só como nucleares, mas também como constituintes para empreendermos uma compreensão mais adequada dos gêneros discursivos no geral e da divulgação científica, em particular. Precisamos, para isso, aporta-mo-nos na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin para, a partir das ideias propostas, entendermos como os sujeitos de discurso agem concretamente num contexto sócio-histórico situado.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. In: _____. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Unicamp, 1998.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. O discurso no romance. In: _____. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. 3. ed. São Paulo: Ed. Unesp: Hucitec, 1993a.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Ed. Unesp: Hucitec, 1993b.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997a.

_____. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.

_____. O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia, Enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.

CAMPOS, E. N. O diálogo do espelho. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 12, p. 301-309, jan/jul. 2006.
Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>>.
Acesso em: 10 nov. 2010.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GRILLO, S.V. de C. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 52, n.1, p. 57-79, 2008.

NUNES, J. A. H. Divulgação científica no jornal: ciência e cotidiano. In: GUIMARÃES, E. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, M. F. Divulgação científica e a heterogeneidade discursiva. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2005. 1 CD-ROM.

ORLANDI, E. P. Divulgação científica e efeito-leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, E. (org.). **Produção e circulação do conhecimento**: estado, mídia e sociedade. Campinas: Pontes, 2001. v. 1.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L. et al. (org.).

Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SÁNCHEZ MOURA, A.M.S. **A divulgação da ciência como literatura.** 14. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

ZAMBONI, L. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso de divulgação científica.** 1997. Tese (Doutorado em Linguística)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

